QUARTA FEIRA 30 DE ABRIL DE 1873

Assigna-se e vende-se na Travessa de S. João n.º 10.

Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do FUTURO, Travessa de S. João n.º 10.

Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

O FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA

Preços d'assignatura:

Para a cidade, por anno 1$200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias: —Por anno 1$500 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Annuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs

3.º ANNO — PUBLICA-SE ÁS QUARTAS FEIRAS — NUMERO 111

BRAGA 29 DE ABRIL DE 1873

Um appêllo da Mocidade Legitimista.

Vinde para nós!...

O que receaes?...

A mocidade não é a esperança que illumina a vida?

Vinde pois trabalhar comnosco, vinde; porque a generosidade de corações jovens e enthusiasticos vos receberá com canticos de gloria e hymnos de applauso.

¿Que vos hade lançar em rosto, com injuria a vossas frontes pallidas, esta geração, estes 20 annos, em tantos peitos, puros e cheios de affectos?

Que vós errastes, que vosso calculo politico foi menos justo; que vós incautos, ouvistes a voz sonorosa e attrahente das conveniencias; e, tibios contemplando o arraial luctuoso, fostes dar a primicia de vossas homenagens ao Cezar do tempo?...

Embora!...

Embora esse passado, que é uma sombra no esplendor da Fé do crente, e uma dolorosa queda na carreira da vida, vinde, vinde!

Aqui, junto á luz, que domina nossa bandeira, ha esplendida luz, que póde occultar esses negros pontos do escudo e da vossa espada; e de sobre o pedestal, que a justiça ergue ao dever heroico, nunca cahireis, se vosso dever d'amor sincero fôr o de vossas consciencias = de catholicos coherentes, de legitimistas verdadeiros

Oh! affaste o Ceo uma terrivel desillusão, que pungiria nossa juventude. e cubriria de vergonha vosso sangue de portuguezes, e que em toda a vossa idade seria negra lembrança!

Não, nós homens que veneramos a Verdade, e que seguimos a Justiça, não podemos conceber offensiva ideia, que não tenha uma prova irrecusavel, ideia vil, que iguala o caracter áquelle pó, que os coches doirados levantam da triunfal estrada!...

Mas não desprezeis este tempo.

A quadra é para vós, é a espera affectuosa d'amigo, que já a entrar na arena onde receberá a corôa da gloria, dezeja compartilhal-a com outro.

Não vos fieis em vosso fallaz thermometro.

Ha perigo, que elle vos marque a hora do arrependimento, quando outra já começou, a da *regeneração!*...

Purificae a vossa razão das pueris utopias, que não chegam a ter as honras de logica e de engenho das da fantastica republica de Platão.

Queimae, queimae esses livros, que as guardam.

Vêde os factos, estudae os factos, e só com os factos procurae a provavel solução do problema do futuro. Vós não dezejaes, que elle seja a final victoria do *liberalismo*, a horrivel apotheose da communa?...

Vós respeitaes a civilisação, e não tendes o capricho de vêr um espectaculo satanico sobre a Europa, tornada barbara, mais impia, que os sectarios de Mafoma, mais sanguinaria que os sacrificadores dos idolos africanos e selvagens?...

Mas ahi, onde tendes estado, ahi onde recebeis a cumplicidade moral com todos os projectos, trabalhos e emprezas da revolução, desde Bismark, de Victor-Manuel, até Garibaldi e Luiz Blanc, sois os inimigos declarados do Altar, onde está a garantia da paz e da civilisação da humanidade e da vida eterna!

Ahi não é vosso posto d'honra, porque manchaes a espada defendendo o braço sacrilego, que transformou em ruinas lugubres a obra dos seculos e de tantas gerações illustres, a gloria, a vida da patria, e lhe deu em taça doirada os subtís venenos da degeneração!

E que jubilos, que ventura certa e duradoira, podeis vêr em vossa esposa, em vossos filhos, e de que paz podeis gozar, e que felicidade futura podeis esperar, se derredor de vosso lar as tempestades bramem ameaçadoras, como o leão faminto junto da cubiçada preza?

E sois vós, que sustentaes as infames esperanças do leão revolucionario; sois vós, que seguraes a pedra mortifera, que em tempo hade esmagar-vos!

Vinde, vinde, homens *liberaes*, homens arrependidos, sem ambição formada e occulta, sem odios e resentimentos vingativos, homens de fé tibia mas de contricção segura, vinde!

O que receaes?

Liberdade de blasphemar em Roma e prohibição de seguir a Jesus Christo.

Na «Unità Catholica» de 9 de Fevereiro, lemos o seguinte que é mui applicavel a todos os paizes escravisados ao moderno liberalismo:

«Vemos hoje em Roma proclamar-se e actuar-se uma *liberdade plena*, é a liberdade de offender a Jesus Christo; e ao mesmo tempo trabalha-se para estabellecer uma uma prohibição *solemne*, — a de servir a Jesus Christo e seguir seus Conselhos evangelicos com a profissão religiosa. E' este um facto inegavel, que dá a medida da *civilisação* moderna. A «Capitale» (jornal impiissimo; assim uma especie de «Dia.... da Tarde...) usa de *plena liberdade*, e todos os dias flagella Jesus Christo e lhe cospe no rosto, e o esbofetea, e o escarnece, e o coroa d'espinhos, e lhe repete como os judeos: —«Se és Deus, mostra o teu poder e defende-te»—O Cardeal Vigario, visto tanta infamia, *audacter introivit*, e com nobilissima audacia pediu justiça ao Procurador da Coroa: mas o tal procurador respondeu que a «Capitale» usava de sua *plena liberdade*, e lavou d'ahi as mãos.

Entretanto a commissão dos deputados estuda o modo de supprimir as ordens religiosas e de tirar em Roma (como já se tirou em muitas partes) aos frades e ás freiras a plena liberdade de seguir a Jesus Christo. E a «Opione» desempenha esta *parte* da mesma maneira que a «Capitale» desempenha a *outra*. Entre Souzogno e Dina (dous redactores liberastas, um do jornal *moderado* e doutrinario; outro do exaltado e *progressista*) nós não vemos nenhuma differença. Conbatem a Jesus Christo *viribus unitis*. O primeiro insulta-lhe a divina pessoa, o segundo conculca-lhe a lei santissima. Jesus Christo não é Deus mas um impostor, grita a «Capitale». Prohibamos a todos o seguir os Conselhos Evangelicos, accrescenta a «Opinione». Abaixo Jesus! Abaixo os seguidores de Jesus! Eis a voz concorde dos azues e dos vermelhos, — dos moderados e dos exaltados.

Quereis um argumento mais claro da tyrannia moderna? Verdadeiramente a nossa liberdade é plenissima para os inimigos do Catholicismo. Ai de quem a viola! Democratas e conservadores todos se levantam como um só homem para defendel-a. Mas se se pede em seguida a *liberdade plena* de qualquer se fazer frade, de pertencer á Companhia de Jesus, de seguir a regra de S. Francisco ou de S. Domingos, levantam-se igualmente concordes para impedil-o. E querei que amemos um similhante systema? Oh! Não encontramos palavras bastante fortes para amaldiçoal-o como catholicos e com homens rasoaveis.

Pelo menos se desseis liberdade para todos,—liberdade aos impios de blasphemar, e liberdade aos bons de servirem a Deus, segundo a sua consciencia..., passe. Mas não: em Roma, na capital do mundo catholico é permittido offender publicamente e vilipendiar Jesus Christo; mas em breve será prohibido dedicar-se-Lhe nas Ordens religiosas e seguir seus divinos Conselhos. Analisae quanto quizerdes a politica hoje triumphante em Roma, e achareis que é esta, nada mais e nada menos que esta: — *liberdade plena* para os inimigos de Jesus Christo e plenissima tyrannia para os sequazes deste.»

O Estado deve proteger a Egreja.

Os separatistas do Estado e da Egreja pretendem tornar o homem independente de Deus e assim reduzil-o ao puro estado de natureza pagan (senão coisa peor).

Sem entrar por agora em outras considerações, pretendemos sómente mostrar aos nossos leitores, que o Estado deve por suas leis proteger a religião verdadeira e a Egreja depositaria d'ella.

Inferimos esse dever da triplice relação que o Estado sustenta, 1.º para com os subditos, 2.º para com a Egreja, 3.º para com Deus.

Por hoje só nos occuparemos do primeiro ponto.

O Estado deve defender e garantir os direitos dos cidadãos de toda sorte de offensas. Ora, os cidadãos tem direito a não ser escandalisados pela immoralidade publica; a não soffrer que seus filhos se corrompam na intelligencia e no coração pelas insidias dos seductores; finalmente tem direito a não ver ridicularisada a sua fé pela impiedade dos outros.

Tanto isto é verdade que no estado extra-social as familias dispersas teriam o direito de obrar por meio da força contra um visinho contumaz e prejudicial em pontos de tanta importancia.

O escandaloso, o pervertedor, o blasphemador publico é mui rasoavelmente equiparado ao injusto aggressor.

Portanto a força que no estado, chamado de natureza, o homem teria direito de empregar por si, convém que a empregue o Estado na condição social. Isto é verdade ainda mesmo na hypothese liberalesca do direito social não ser outra cousa que o direito collectivo dos associados.

Além d'isso no paiz onde a diversidade dos cultos não tenha totalmente invadido a sociedade, a posse da verdadeira religião é um bem não só dos particulares, mas tambem da communhão.

Ora, sendo dever rigoroso do Estado defender com os seus recursos os bens sociaes, garantindo-os contra assaltos internos e externos, segue-se na materia de que tratamos que aquelle dever ainda é mais rigoroso; por quanto a religião não é qualquer bem, mas é o bem principal do homem, pois é inherente ao seu eterno destino, sendo ao mesmo tempo o bem principal da sociedade, pois alli encontra o seu mais solido fundamento.

Se o Estado tem dever de proteger com as suas leis os bens inferiores do cidadão, porque não terá o dever de proteger o mais valioso de todos aquelles bens?

Tem o Estado o dever de proteger a impotencia do fraco contra a prepotencia do forte.

Além d'isso na ordem moral, assim como na ordem material, o abuso da força póde dar-se; e quem tem mais talento, maior eloquencia, maior sciencia tem nas mãos uma arma poderosissima tanto para o bem como para o mal, e póde abusar d'essa arma em prejuizo dos outros.

O homem ignorante, ou de escassa intelligencia não tem por si meio de repellir as offensas de ordem intellectual. Portanto em seu auxilio deve vir o Estado.

E assim desde que as crenças dos cidadãos são atacadas pelos sophismas e argucias dos impios deve o Estado defender aquellas crenças as quaes os cidadãos tem direito de conservar.

Sabemos que a esses principios tão evidentes, quanto conformes á razão, se oppõe a decantada maxima da *tolerancia*.

Mas além de que essa tolerancia só póde ser admissivel na *hypothese* particular de achar-se enraizada na sociedade a divisão religiosa e a consequente pluralidade de cultos, accresce que isto mesmo não deixa de ser um mal em si.

O Estado tolera as meretrizes, mas prohibe com as suas leis que ellas insultem em publico a moralidade das familias honestas.

N'este ponto vem muito a proposito o que Nosso Senhor Jesus Christo ensina n'aquella parabola que vem no capitulo *decimo terceiro* de S. Matheus.

Vejam os leitores:

«O reino do céu, (a Egreja) é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo. Emquanto dormiam os homens, veio o seu inimigo e semeou a cizania no meio do trigo e foi-se. E tendo crescido a herva, e dado fructo, appareceu tambem então a cizania.

«Chegando os servos do Pae de familia, lhe disseram: Senhor, por ventura não semeaste tu bôa semente no teu campo? D'onde veio pois a cizania? E elle lhes disse: O homem inimigo é que fez isto. *Inimicus homo hoc fecit*. Os servos porém lhe tornarão: Queres tu que vamos e arranquemos?

«E respondeu o Pae de familia: não; *para que talvez não succeda, que arrancando a cizania, arranqueis juntamente com ella tambem o trigo*. Deixae crescer uma e outra cousa até a seifa, e no tempo d'esta, direi aos segadores: Colhei primeiramente a cizania e ataia em molhos para a queimar, mas o trigo recolheio em meu celleiro.»

O Pae de familia pode dar á cizania liberdade de vegetação, dado o mal de achar-se já enraizada no campo. Mas nem por isto reputou essa necessidade uma cousa bôa em si, nem approvou a negligencia dos feitores ter deixado o adversario penetrar no campo.

Aquella concessão foi pelo Pae de familia conveniente ao estado das cousas, mas não obstante declarou mais, *inimicus homo hoc fecit*. Consentiu, mas foi só para evitar maior damno, *ne forte colligentes zizania eradicetis simul cum eis et triticum*.

Um Catholico Brazileiro.

A «Palavra» e o seu correspondente de Pariz

Ao lermos este excellente jornal religioso deparou-nos o numero 215 uma noticia do seu correspondente de Pariz, com a qual muito folgamos, mas cujos commentarios estão em desarmonia com a doutrina a respeito da Infallibilidade do Papa.

Diz o correspondente que em Pariz fôra editado, pela livraria d'Adriano Le Clerc, da rua Cassette, um livro intitulado: *Historia dos concilios*, por Mons. Hetelé, bispo de Rottemburg; e, depois de fazer um merecido elogio da obra deste grande escriptor ecclesiastico, falla do seguinte modo, a respeito da superfluidade, ou desnecessidade dos concilios, visto a Infallibilidade do Papa:

«Esta obra, menos volumosa do que as diversas collecções que já teem apparecido, e mais completa do que os resumos

FOLHETIM

Uma defeza da Communa.

(Continuação)

«Nós queremos abolir o casamento? Por certo!... Mas a sociedade, aqui e em outras partes, ha mais de trezentos annos considera o casamento como não sacramentado, e proclama não ser mais, do que um contracto civil, que póde ser promptamente dissolvido sob motivo *sufficiente* de mutua conveniencia (1).

Então para que é culpar-nos com estas accusações?

Nós sustentamos com honestidade, e não á vossa maneira de linguagem enganosa, aquellas doutrinas, que estão em harmonia com a nossa moderna civilisação e progresso, e que se fundam no ensino de nossa propria intelligencia, e não na authoridade da Fé que era ha dezoito seculos — doutrinas, digo, que teem sido constantemente confirmadas em todas as assembleias legislativas, em jornaes, em livros, e na conversação nas salas (2).

A unica differença entre nós, é que, como era de esperar d'homens do trabalho, nós somos sinceros e rudes, vamos direito ao nosso ponto; em quanto nossos accusadores insistem nos mesmos principios com phrase nublada e ambigua. e teem medo de praticar, quanto dizem (3).

Nós somos logicos (4).

E elles annunciam a sua proposição maior e a menor, e depois titubiam na conclusão.

Nós somos, nem o negamos, a creatura da revolução, e o legitimo e necessario desenvolvimento do liberalismo.

A classe media, adoptando-o, elevou-se acima da classe mais alta (que no fim de tudo é mais generosa e esclarecida, do que a classe media, e até ainda ha pouco havia sido coherente, não obstante o quanto divergimos d'ella).

O que fazem os internacionalistas?

Nós, a classe operaria, apenas nos collocamos acima da classe media, e fazemol-o assim em virtude dos mesmos principios *liberaes*, que essa classe media capitalista professa.

A isto é que se chama a = demolição da sociedade para internacional?!!!...

A classe media com seu *liberalismo*, veio-a destruir.

E nós damos-lhe apenas outro empurrão, e completamos a obra (5).

Se fôr justo que uma classe subvertesse a ordem do mundo, e se levantasse acima de todas, então justo é tambem, que nós façamos o mesmo.

A classe media, e os parlamentos da classe media, e os governos *liberaes* fizeram revoluções em nome do povo, e nós perguntamos: Quem é o povo senão a grande maioria — a classe operaria ou os *proletarios*?

Estabeleceram o grande principio da soberania do povo — e nós, o povo, reclamamos ser soberano.

Disseram que todo poder derivava do povo, e devia por elle ser exercido; e nós exercel-o directamente, e não o largaremos por essa invenção d'um = systema representativo = que é só desculpa para nos roubarem de nossos direitos inherentes ao poder legitimo.

Os *liberaes* dizem, que todos os homens são e devem ser eguaes; e nós por consequencia abolimos herança e promogenitura, e tudo mais, que tende a tornal-os deseguaes.

Somos coherentes quando sustentamos, que todos são filhos d'aquella grande mãe «*La Madre Natura*», como dizem os nossos irmãos italianos.

(Continúa)

Francisco de Paula.

(1) Ahi houve uma questão muito fallada, em que o casamento civil foi defendido com um enthusiasmo, digno de melhor causa.

Os nossos reformadores dizem, que a razão d'este intento *liberal* é meramente *estatistica*.

Não é isto, o que se vê no estrangeiro, onde infelizmente o casamento civil é uma lei.

A devassidão e as discordias domesticas teem augmentado quanto maior é o numero de taes casamentos, que a Egreja considera um *concubinato*.

E' claro, que o incredulo, o cynico, depois da ceremonia civil, escarnecem a religiosa. O mau exemplo e a indifferença completarão a obra do genio revolucionario.

(2) A corrupção da sociedade ahi foi buscar seus principaes elementos. Nos parlamentos e na imprensa *liberal* manifesta-se a degeneração das nações, cujos lares os livros immoraes e impios, a licença dos costumes, teem abalado de seus seculares fundamentos.

(3) Medo, e não vergonha! — Dizei ao *liberal*-monarchico, que dispa a farda, e vá dar o braço ao homem do povo!...

Dizei ao republicano-moderado, que sua filha é egual *a infeliz* das turbas! Ouvi, o que elles vos respondem bem ao contrario da *egualdade*, de que foram os tribunos!

(4) E' o unico merecimento que teem.

(5) E a pena de Talião! O que a classe media fez á classe alta, hade aquella soffrer da infima. Aqui ha a acção da Providencia, cujos castigos são sempre justissimos e eloquentes. A unidade da historia depende d'esta harmonia.

anteriores, em todo o tempo seria favoravelmente accolhida; mas hoje muito mais, depois que a Egreja elevou a voz, e, por assim dizer, fechou com a sua ultima reunião a era dos concilios. Effectivamente o concilio do Vaticano, proclamando, com applauso do universo catholico, a Infallibilidade do Papa, tornou superfluas as reuniões dos corpos deliberativos da Egreja. E para que se reuniriam agora differentes pastores, uma vez que se acharam accordes sobre todas as questões? O Santo Padre é presentemente o unico orgão do mundo catholico.

A historia do concilio do Vaticano termina a *Historia dos concilios.*»

O illustre correspondente andou muito de leve nesta materia melindrosissima, aliás não se atreveria a dizer que a Egreja *fechou com a sua ultima reunião a era dos concilios.* ¿ Quem disse ao illustre correspondente que o mesmo concilio do Vaticano não se hade reabrir ¿

¿ Não será um auspicio de que a Egreja se hade outra vez reunir, em redor de Pio IX, as questões doutrinaes e disciplinares que estavam sendo estudadas activamente, e que depois que o Concilio fôra obrigado a fechar-se (e não voluntariamente se fechara) ficaram pendentes?

Além disso ¿ para que se reuniu o concilio? ¿ Para defenir o dogma da Infallibilidade Pontificia?

Mas para isto podia o Papa fazer o que fez na definição do dogma da Immaculada Conceição de Maria. Bastava-lhe consultar o episcopado e decidir; porque é doutrina catholica que a Egreja, quer dispersa, quer reunida, é infallivel.

¿ Em que consiste o dogma da Infallibilidade Pontificia?

Em que o Papa, quando definir *ex-cathedra*, as questões de fé e moral é infallivel, logo não é infallivel nas questões disciplinares, nem quando falla em particular, mas sómente quando falla como Doutor e Pastor da Egreja Universal.

¿ E como hade o Pontifice prover ás necessidades da Egreja, sem que as saiba, e, ás vezes, consulte e conferenceie com o episcopado?

A historia ecclesiastica offerece-nos um exemplo muito natural e cheio de salutar doutrina: *é o Concilio de Jerusalem.*

¿ Porventura não estavam inspirados todos os Apostolos, pois todos tinham recebido o Espirito Santo, embora nem todos receberam iguaes poderes?

¿ Logo para que se reuniram em Jerusalem?

Ainda quando se admittisse o absurdo de *só* Pedro ser infallivel, bastava este para resolver as consultas dos outros que o não eram e mesmo como *superfluo, inutil, denecessario* foi o concilio, no entender do illustre correspondente.

Todos os Apostolos eram inspirados, e se houve o Concilio, foi para mostrar á Egreja que ella devia reunir-se quando as necessidades espirituaes dos fieis o reclamassem.

E' mais solemne a proclamação da verdade, é mais pontual a submissão das almas tibias, e emfim são tratadas convenientemente e como a sciencia e a prudencia mandam, as questões disciplinares.

Não se diga que se os concilios são desnecessarios logo que o Papa seja infallivel; não, porque tanto é erro dizer-se que se são necessarios os concilios é desnecessaria a infallibilidade, como o affirmar-se que se o Papa é infallivel desnecessarios são os concilios.

E a razão está em que a Infallibilidade Pontificia não consiste em o Papa resolver de per si só todas as questões, não; o Papa sente-se assistido do Espirito Santo, diz Perron, e por isso quando vê que póde e é conveniente resolvel-os de per si só o faz; quando vê o contrario consulta o episcopado ou as remette para um concilio.

De maneira que o dogma da Infallibilidade ensinando que todas as decisões *ex cathedra* são infalliveis não ensina que o Papa tenha poder e luzes para resolver todas e quaesquer questões.

Diz o illustre correspondente, como para provar a sua assersão:

¿ E para que se reuniriam agora differentes pastores, uma vez que se acharam accordes sobre todas as questões?

De duas uma; ou o illustre correspondente faz consistir todas as questões na questão da Infallibilidade Pontificia, ou então que jámais haverá a tratar de questees, porque todos se trataram alli. A primeira hypothese é impossivel pois que repugna á natureza das cousas que o que é dogmatico seja disciplinar e vice-versa; a segunda é absurda, porque em quanto a Egreja existir hade haver sempre males a combater, erros a condemnar, necessidades a remediar.

Ora ¿ como podiam os pastores achar-se accordes sobre todas as questões, se a questão da Infallibilidade não é todas as questões, e no Concilio do Vaticano não se fallaram em todas as questões, pois muitas ficaram pendentes do juizo d'aquelle tribunal?

A Infallibilidade Pontificia, pois, não destroe a Infallibilidade da Egreja, nem torna superfluos os Concilios, mas antes a Infallibilidade Pontificia, é consequencia necessaria da Infallibilidade da Egreja, porque a Egreja não seria infallivel se o Papa o não fosse tambem.

O ser muitas vezes difficil e até impossivel reunir-se um Concilio, ou consultar a Egreja dispersa, e o ser preciso dar prompto remedio a males provenientes de conflictos religiosos, é isto um dos fundamentos da necessidade da Infallibilidade do Papa.

A nossa Independencia Nacional ameaçada.

Ruge em volta de nós o leão hesperico, escancára as fauces, e ameaça engulir nos d'uma só vez.

Já não são desconfianças é a realidade; já não são receios são desafios; já não são tramas occultos, são provocações e trabalhos publicos

O *Centro-mixto*, que tem por fim a confederação dos Estados Ibericos, desfraldou aos quatro ventos da opinião publica o seu programma.

Eis aqui a sua doutrina redigida por M. Moraita del Sagrairo, secretario no ministerio de Estado.

« A Republica Iberica ou a união de Hespanha a Portugal.

A analogia que une na origem, idioma, religião, costumes e caracter a Hespanha com Portugal; o acharem-se ligados ambos os povos por uma fronteira moral n'uma extensão de 170 leguas; o serem os vales e rios de Portugal a prolongação dos nossos, assim como seus montes e planicies; o estarem os dois povos, que occupam uma mesma peninsula, sujeitos a um mesmo clima, sendo analogas suas producções, seus interesses reciprocos, e já que a natureza os uniu com um laço indissoluvel, devem unir-se tambem para alcançar a mutua felicidade passando a serem irmãos, procurando que desappareçam para sempre as ideias absurdas e erroneas creadas e sustentadas por grosseiras preoccupações de tempos de tempos que felizmente passaram para nunca mais voltarem.

Cessem pois ambos os povos de se olharem com prevenção, porque nasceram para amar-se com a pureza e sinceridade de sentimento que mostram sempre os filhos da mesma mãe.

A ancora da liberdade, isto é, a *Republica Iberica* dissipará immediata e completamente as fataes recordações que o povo de Affonso Henriques conserva ainda do tempo dos austriacos Felippes.

Os interesses sociaes, commerciaes e politicos hão de ligar-se n'essa occasião aos que até agora se tem considerado como dois povos, não sendo na realidade senão um.

Os immensos elementos de engrandecimento e riqueza que em si propria encerra o povo nosso irmão, e os progressos da civilisação, só podem desenvolver-se unindo-se com os do povo hespanhol, desvanecendo no pensamento os errados preconceitos que a generalidade da gente do nosso paiz conserva ainda a respeito d'essa bella parte do occidente da peninsula.

A união dos dois povos irmãos é já um facto moral, e sel-o-ha material em curtissimo praso, abraçando-se em nome da *Republica Iberica e Unitaria*; seria em vão lutar contra elle já que tendo desapparecido quasi completamente as cabalas politicas que mantinham separados os dois povos peninsulares, e que os governos ineptos tinham por systema, contribuido e posto em jogo todos os meios para conserval-os, chegou o dia em que conhecendo seus verdadeiros interesses e despresando as perfidas suggestões dos que ainda medram á sombra dos abusos que conserva uma *monarchia já impossivel*, se abracem cordialmente para se não separarem mais, deixando de serem cegos instrumentos de ambições bastardas, e brinquedos de poderosas potencias que não temem semear machiavelicamente a desunião, conhecendo até onde se estenderá o poderio da Peninsula Iberica com o alvorecer da Republica ao dominar esta desde os Pyreneos a Gibraltar e desde o Atlantico ao Mediterraneo formando um só e unico estado.

O periodico *Taimes* de Londres tratando em um artigo da questão iberica diz: que tem sido costume chamar aos portuguezes «uns hespanhoes que aborrecem os outros hespanhoes» accrescentando depois que dois governos situados pela fórma porque o estão os da Peninsula, podem constituir-se em um só, e um pensamento tão obvio, que tem lembrado aos fabricantes de projectos politicos de todas as idades; e considerando as condições do problema, é quasi surprehendente que se não tenha realisado .....

«Não se deve porém crer, que no caso de um accordo voluntario das duas nações para esse fim, as demais potencias da Europa se julguem obrigadas a pôr-lhes objecções. Os dias de semelhante intervenção já passaram, e os hespanhoes assim como tambem os portuguezes, podem saber, se o desejam, pelas columnas do nosso jornal, que o unico dezejo dos inglezes é que elles arrangem os seus proprios negocios do modo que mais lhes convier e com o mais favoravel resultado. Sem duvida que a fusão d'estes dois governos, que até agora tem estado em certo antagonismo e ligados por ratados reciprocos com outras potencias, se não poderia levar a cabo sem algumas difficuldades, mas estas em breve poderiam ser vencidas; e se os habitantes da Peninsula iberica resolverem apresentar-se á Europa debaixo de uma — nova organisação politica, serão cordealmente recebidos».

Sendo uma verdade incontestavel que as circumstancias physicas são as que determinam os limites das nações; basta deitar um olhar para o mappa geographico da Peninsula iberica para comprehender que não ha fronteiras entre Hespanha e Portugal, e que não ha outros limites senão os creados pelos tratados diplomaticos. Dissemos anteriormente que o clima dos dois povos irmãos é o mesmo, que existem as mesmas cordilheiras de montanhas, os mesmos valles ao pé das montanhas, os mesmos rios no fundo dos valles, e por conseguinte a natureza, longe de haver separado Hespanha de Portugal, uniu-os com os laços naturaes multiplicando por todos os lados os seus pontos de contacto.

Comprehende-se facilmente que tenham conservado por largo tempo a sua independencia os antigos reinos de Navarra, Aragão e Andaluzia, porque os Pyrineus protegiam a Navarra; o do Aragão comprehendia toda a vertente oriental da cordilheira iberica, e a serra Morena separava inteiramente a Andaluzia.

Mas quanto mais se estudam as relações de Hespanha e Portugal, mais analogia encontramos em ambos os povos, visto que geographiçamente não encontramos separação alguma, e emquanto a costumes sociaes e de origem, religião e lingua, achamol-os perfeitamente eguaes sem existir a menor differença.

Em que consiste pois esse isolamento completo, essa discussão tão antiga entre os dois povos irmãos?

A unica explicação logica que encontramos é a da tradição historica, e nos annos de oppressão e decadencia porque teve que passar Portugal sob o poder obsoluto dos degradados successores de Carlos V, e uma consequencia d'elle no isolamento em que viveram por largos annos, preoccupados os seus respectivos governos em levar por diante seu feroz despotismo, favorecendo a inquisição e destruindo os germes de nacionalidade que poderiam surgir de algum talento privilegiado ou das massas, a cuja disposição natural não podiam occultar-se os beneficios que resultariam estendendo-se a acção de seu povo a um campo muito mais vasto. Para conseguir tão detestaveis fins era preciso juntar ao isolamento de dois povos a mais supina ignorancia de um a respeito do outro, fomentando rivalidades, envolvendo-os no mais terrivel marasmo para melhor os dominar separados.

Felizmente desappareceram já a maior parte das causas que poderiam, senão aconselhar, pelo menos disculpar tão machiavelicas combinações, e graças aos progressos do seculo e á implantação da republica em Hespanha, Portugal comprehende já que de nada serve a satisfação do vão nome de uma independencia illusoria, e que só se mantem debaixo da protecção do poderoso, em comparação da gloria de formar parte de um grande povo, de uma nação de primeira ordem respeitavel e respeitada como será a Peninsula Iberica formando um só Estado.

Para conseguir tão beneficos resultados, para a realisação de tão grande obra, só se necessita da proclamação da *Republica Iberica*, visto que o caminho de ferro de Lisboa a Madrid faz já da Peninsula um só povo.

A fim de levar a cabo empreza tão grandiosa, formou-se em Madrid um centro mixto, isto é, composto de hespanhoes e portuguezes, apoiado por succursaes em pontos importantes de Portugal, o qual centro dará á luz um jornal que terá o titulo da epigraphe d'esta folha, a saber: *Republica Iberica* ou *União de Hespanha e Portugal*, que apoiado por outras publicações no povo lusitano, levarão a republica iberica unitaria ao seu completo apogeu, livrando a peninsula *do cancro de uma monarchia que não tem já razão de ser e cuja continuação seria um anachronismo vergonhoso.*»

¿ Quem diria que haviamos de chegar a um tempo em que se escreveria impunemente contra a independencia da patria?

¿ Quem diria que no sangue de portuguezes girariam outras ideias, que não aquellas recebidas de seus avós?

¿ Quem diria que estamos n'uma epoca em que o caracter dos lusos é a effigie de vella moeda já gasta pelo tempo e que não tem valor no mercado publico?

Mina-se, e mais depressa efundo do que se pensa, a independencia de nossa patria; e no entanto será impossivel encontrar uma accusação ao partido legitimista de que fôra elle quem contribuira para semelhante desgraça.

Foi com um governo legitimo que elle prosperára e sacudíra o jugo castelhano.

O liberalismo catholico degenerou todas as ideias, perverte todos os sentimentos, rompeu todos os laços sociaes, faz da patria um nome sem significação, da independencia uma ideia ridicula.

Accordem do somno de ferro e levantem-se abraçados ao estandarte glorioso do Ameixial, Montes Claros, os que ainda sentem algum amor pela sua patria. E salvem todos a patria de todos.

O que elles são.

Achamos além de bem escripto, muito a proposito o seguinte artigo do nosso collega o «Bem Publico».

Diz elle:

« Está damnado o «Diario da Tarde» contra os que não podem crer na sinceridade da sua *explicação* a proposito do artigo de *Bruno*, publicado 48 horas antes d'ella. Pela nossa parte démos razão da incredulidade. Não era possivel sem injuria do bom senso acreditar na sinceridade dos *sabios* do «Diario da Tarde», e ao mesmo tempo reconhecer os conhecimentos do Evangelho, Santos Padres e Doutores de que alardeavam os *sinceros* da folha: uma cousa destruia a possibilidade da outra. E n'este caso, não podendo ser ambas verdadeiras, não haverá probabilidade de serem ambas contrarias a verdade?

Excluida a *sinceridade* por causa da *sciencia*, e esta por causa d'aquella, restava a *tolerancia*, outro bordão a que se apegaram.

Discorramos um pouco.

Se alguem lhes mandasse para publicarem no «Diario da Tarde» um artigo, onde se apreciassem desfavoravelmente alguns actos publicos de seus paes ou avós, ou se lhes negasse a qualidade de bons cidadãos e patriotas, publical-o-hiam por tolerancia? Certamente não. Como poderemos pois crêr que dessem á estampa, e no logar mais honroso, em nome da tolerancia um artigo em que se negava brutalmente a Divindade de Christo, a Santissima Trindade, e a Virgindade de Maria Santissima, depois de outro em que já se negavam em globo?

E' portanto evidente que não foi a *tolerancia* o sentimento que lh'os fez publicar; foi outro. Mas qual? Em nossa humilde opinião, um em que entrou em largas doses a impiedade, a malevolencia, o interesse e a ignorancia, dos tres primeiros elementos dão testimunho eloquente os 448 numeros que até aqui teem vindo á luz; da ignorancia dão n'esta mesma occasião testimunho as seguintes linhas:

«... Não consta que antes do concilio de Nicea os preceitos christãos fossem menos *divinos*, ou menos *proveitosos* que depois do dogma.

« O preceito fundamental do christianismo está, para os caracteres honestos *[sic]*, na sublimidade dos preceitos que encerra.

« Christo, o ungido, não ficou mais nem menos divino depois do dogma. Obra perfeita do Creador *[sic]*, dispensa os retoques humanos ».

A phrase d'este periodo é pelo menos vesga; outros menos benevolos poderão dizer que renova a heresia do *pelagianismo*, ou do *subordinatismo.*

Dito isto, começaremos notando que os triumviros declaram *divinos* os preceitos por serem *proveitosos*. E' a mesma these de *Bruno*, e de quantos, assim antes como depois dos encyclopedistas, negaram ou negam a divindade de Nosso Senhor Jesu Christo, e o egualam a Confucio, Platão, Socrates, Mafoma, etc. E os preceitos sómente são *divinos* por serem *proveitosos*, podem quantos os não acharem *proveitosos* negar-lhes a qualidade de *divinos*, o que leva implicita a negação da divindade do Legislador.

O principio fundamental do christianismo não está na sublimidade dos preceitos que encerra, mas em ser Deus aquelle que os dictou. Se elle não fosse Deus, não saberia dictar esses preceitos sublimes, e tão sublimes, que até vão destruir o mal no seu germen, o pensamento e o dezejo cousa que não faz nem póde fazer nenhum legislador humano, porque só Deus tem imperio sobre as almas.

E aqui diremos ao *Diario da Tarde*. E' falso que os «reaccionarios receiam o desmoronamento dos salutares e divinos preceitos do Christo»; o que nós receamos, e tudo o que vemos nas nações e nos povos justifica amplamente os nossos receios, é que os ministros de Satanaz, adulando com suas mentiras, calumnias e impiedades as más paixões dos homens, os tornem surdos a esses preceitos divinos, e salutares, fazendo assim a sua propria desgraça, e a dos seus concidadãos.

Talvez nos observem que isto não prova tanto a ignorancia da redacção do *Diario da Tarde*, como a sua communidade de ideias e intuitos com *Bruno*; e assim parece. Mas como ellas são filhas da ignorancia d'este, egualmente o serão d'aquelle; acrescendo que, pois era do seu interesse, ao menos por agora, fingir-se affastados *toto cælo* de taes ideias, esta denuncia de si foi uma cinca, inexplicavel se não fosse o effeito da ignorancia. Os *tres* não perceberam a intima ligação que ha entre umas e outras ideias, e fallaram de mais.

E comtudo nós ainda não tinhamos concluido.

Suppõem os tres signatarios do artigo começou a existir, ou pelo menos a ser conhecida, só depois do concilio de Nicea; isto é, cairam no mesmo êrro em que tem caido sempre que investem contra a infallibilidade do Papa, a qual consideram uma *concessão* do Concilio do Vaticano; da mesma fórma, como acabamos de vêr, que suppõem ter sido um *retoque humano*, uma concessão do Concilio de Nicea, o dogma da divindade de Christo. Ignorancia crassa, que mostra não terem lido o Evangelho, nem os Santos Padres e Doutores.

E não era necessario terem lido estes; bastava aos tres sabios, além da leitura do Evangelho, uma erudição modesta para conhecerem *Defensio fidei nicenæ* do anglicano Bullus, ou *La divinité de N. S.* de P. Maran, para saberem por meio d'estes livros que desde os primeiros dias do christianismo, a Egreja sempre creu e professou a divindade de Nosso Senhor Jesu-Christo pela qual morreram tantos milhões de martyres. O Concilio de Nicea não fez mais do que, affirmando a fé da Egreja, pôr termo ás hesitações na exposição e intelligencia d'este ponto de fé. Todos estavam de accordo no que respeita á substancia, mas havia alguma variedade na exposição e comprehensão. Foi tambem o que fez o Concilio do Vaticano, ácerca da infallibilidade pontificia, que a Egreja sempre creu, mas que nem todos os theologos expunham e comprehendiam do mesmo modo.

A Egreja, depositaria e mestra da verdade, não podia permittir que o espirito do êrro, aproveitando-se da diversidade das expressões, tão propria a crear confusão, accrescendo que nem todas eram de tal modo claras e precisas, que não parecessem ambiguas, ou não podessem fazer-se, quiz acudir á falta da linguagem scientifica, da phraseologia technica se podêmos fallar assim, dando-a no Concilio de Nicea por meio d'esta sublime definição: «*Creio* em... Jesu-Christo.. nascido do Pae antes de todos os seculos, Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado *não feito*, consubstancial ao Pae...»

Não deu pois *retoques humanos* em Christo; affirmou a fé da Egreja: e essa fé tanto anathematisa a blasphemia de *Bruno*, como condemna os que fazem de Christo *uma creatura.*

Assim quem duvidar da sinceridade do *Diario da Tarde* não póde ser accusado como este faz, de tel-o calumniado; e não o póde tambem ser quem diga que no mesmo *Diario* « se imprimem doutrinas onde se nega a divindade de Jesu-Christo ». Pois não estão ahi a affirmal-o os artigos de *Bruno*, de 28 do passado e 6 do actual! E não basta a destruir-lhes o effeito a famosa *explicação*, já pelo que disse, já pelo que occultára; e agora descobre pelo commentario que lhe faz no artigo que estamos lendo, que só se distingue dos de *Bruno*, em que a ignorancia e a impiedade fanatica d'este negava abertamente a divindade de Jesu-Christo e o triumvirato do *Diario da Tarde* conduz a negação, fazendo de Jesu-Christo uma creatura, pois teve «Creador». Se fosse *creatura* não poderia ser Deus.

Sublimes diz o *Diario da Tarde* que são os preceitos de Christo, e tem razão para isso. Todos o são, e proveitosos por serem divinos. Entre elles, porém, ha um que reza assim: *Não levantarás falso testemunho*, ou, o que vem a ser o mesmo, *não calumnieis.* E comtudo o *Diario da Tarde* é fertil em calumnias contra os seus adversarios, e sob essa denominação faz-nos a honra de collocar em primeira linha os catholicos.

Ellas são tantas, que apenas referiremos tres; mas estamos promptos a axpor outras mais, d'entre as muitas que tem propalado, e com a prova immediata de que o são, se nos franquear as columnas do seu jornal; o que até será uma boa occasião de fazer brilhar a sua *tolerancia.*

A 1.ª encontra-se no *Diario da Tarde* de 6 do actual, onde se lê:

« O cardeal Antonelli aca de escrever *em nome do Papa e debaixo da fórma de Pastoral*, o appêlo á guerra civil que se vae lêr:

Segue o supposto appêlo ao «clero de Malines (Belgica), » e ao «partido catholico; » appêlo que não tem fórma de pastoral, e simplesmente de carta circular, e nem sequer nomeia o Papa. Isto é duas calumnias accidentaes com o fim de affrontar o Papa, além da calumnia essencial contra o cardeal Antonelli, secretario de estado do Papa e que portanto recae tambem sobre elle. O *Diario da Tarde National* de Paris, e introduziu-lhe voluntariamente, ou por ignorancia, o «*Malines,*» e algumas franjas, que são pequenas mentiras a adornar a grande mentira: e conclue, dizendo o sr. Borges d'Avellar, em seu nome e no dos srs. Urbano Loureiro, e Agostinho Albano:

« A guerra civil qualificada, de *acto de energia e obediencia!* Só do Vaticano, só

de esse antro dos abutres da humanidade, podia sair tal blasphemia »

É a tatufice especando a calumnia. Mas por agora só tratamos d'esta. E que o é (como o mais vulgar bom senso ensina a quem não traga a cabeça debaixo do braço), mostra-o na folha de 15 o sr. Urbano Loureiro, em seu nome, e no dos snrs. Agostinho Albano e Borges d'Avellar, escrevendo:

« Da *Tertulia* (folha de Madrid) d'esta manhã:

« O cardeal Antonelli, primeiro ministro de Pio IX, dirigiu uma especie de circular aos bispos hispanhes, recommendando-lhes que protejam *por todos os meios possiveis* a causa de D. Carlos.

«Assim o diziam alguns *periodicos allemães*, o que nós acreditamos, por ser a côrte do Summo Pontifice o centro de todas as conspirações legitimistas. Que mansidão evangelica! E quanto dezejo da paz entre os homens!»

« Nós cá pela nossa parte é que não acreditamos (diz o sr. U. L.) em similhante noticia. E a *Palavra* acredita?»

A calumnia é a mesma; e com tudo os tres calumniadores conhecidos, o de Paris, o do Porto, e o de Madrid, cada um diz uma cousa diversa. Quem mente nunca acerta. E com o do Porto ainda se dá uma singularidade: o sr. Urbano Loureiro não acredita, o sr. Borges d'Avellar accredita (?), e por uma lamuria hypocrita, á qual se reuniu o tartufo de Madrid.

Quem falla contra a guerra civil? O sr. Borges d'Avellar que com todo o pessoal do *Diario da Tarde* festejou o anniversario do dia 8 de julho de 1832, em que se inaugurou aquella que ceifou mais de 50:000 vidas, e cujo partido fez a de 1846-47 que matou mais de 6:000. Quem?! a *Tertulia*, em nome de um partido, que só de 1843 até 1872, em 29 annos, accendeu 15 vezes o facho da guerra civil, sendo as duas de 1848, as duas de 1866, e as de 1872, e 1873 acompanhadas de horrores, que envergonhariam os selvagens. E o que diremos das de Italia, que tanto applaudiram!...

O cardeal Antonelli não escreveu tal carta, nem isso lhe passou pelo sentido; mas se o tivesse feito, nem o *National*, nem o *Diario da Tarde*, nem a *Tertulia* teriam direito a arguil-o.

A 2.ª, e a 3.ª são extrahidas da mesma folha de 15.

Vejamos a 2.ª Accusam-se os carlistas de fazerem descarrilhar os trens dos caminhos de ferro quando levam passageiros; e o que é muito peior ainda, por ser infernal, de fazerem saltar os tunneis por meio de mina, que «encheram de dynamita», e isto na occasião em que passavam trens.

Nunca os carlistas cortaram as vias ferreas na occasião de passarem trens de passageiros; os que teem cortado, é porque as companhias não quizeram acceitar os convenios por elles propostos; e ellas não quizeram, por lhes ter o governo promettido a segurança, que não dá. São pois, os repdblicanos amigos do *Diario da Tarde* os unicos responsaveis d'estes destroços: e alli está para proval-o que onde se acceitou o convenio, nenhum ferro carril tem sido cortado.

A dos tunneis ainda é mais atroz. Os carlistas empregam polvora, e não dynamita; e o tunnel que destruiram, estava desembaraçado de trens. Esta destruição foi annunciada nas estações proximas. E' falso que morresse alguem.

Mas agora supponhamos, por modo de argumento, que é verdade. Não se lembra o *Diario da Tarde* que os seus republiqueiros, em 1869, 70, e 72 cortaram tambem os ferro-carris, sem intimação previa, e sem proposta de convenio, fazendo morrer muita gente desprevenida? Que mais direito assistia a estes que não assista aos carlistas? E o *Diario da Tarde* já esqueceu o quartel Sarristori em Roma, que os italianissimos fizeram saltar em plena paz, matando os que lá estavam, e muitos dos que passavam? Já se não lembra de que tiveram a ferocidade de dizer, *cá* e *lá*, que tinham direito a fazel-o, porque era necessario dar Roma á Italia, e destruir o governo dos padres? pois os carlistas podem fazel-o melhor porque preveniram, estão em estado de guerra, e querem dar á Hispanha o seu rei, e destruir o governo dos impios, assassinos e ladrões por accrescentamento.

Façam primeiro penitencia dura e rigorosa dos seus crimes, e poderão depois censurar os carlistas; e ainda assim sem ostentação, nem hypocritas lamentações.

3.ª « A mulher que o cura de S. Cruz mandou fuzilar, em nome de D. Carlos, tinha commettido o seguinte crime: Nada.

« Só o marido é que havia revelado ás auctoridades locaes a passagem de um bando carlista.

« O *digno* padre intendeu que o procedimento do marido o auctorisava a assassinar a mulher ».

Negou-se o facto; e ainda agora se póde negar, porque na carta que elle escreve ao *Pensamiento* annunciando que vae responder a conselho de guerra; diz ter provas de que ella era espia, e tinha sido causa da prisão de muitos carlistas, e da apprehensão de um grande deposito de armas.

Os carlistas metteram-n'o em processo; mas onde estão os processos mandados instaurar pelos liberaes, radicaes, moderados ou republicanos, aos que teem assassinado carlistas, uns feridos no campo, outros depois de se renderem? Não ha.

Isto não obstante, o *Diario da Tarde* escreveu com o desplante de um calumniador emerito:

«O *Bem Publico*, a *Atalaia*, a *Nação*, a *Palavra* e outras folhas pias que se persignam quando ouvem fallar na Communa de Paris, admiram aquelle padre. Coherencia!»

Provocamos o sr. Borges d'Avellar a transcrever as palavras d'essas folhas que auctorisam a dizer isso d'ellas. Além disto, as substituições é invenção liberal, e por ella assassinaram varias pessoas por outras, e recentemente o prior da freguezia de D. Manuel Santa Cruz, porque o não apanharam a elle. Se nos horrorisa a Communa de Paris é porque fez assassinar a sangue frio *os refens*, incendiou Paris, e tinha dynamita em varios pontos para fazer saltar a cidade. A coherencia do *Diario da Tarde* é admiravel!

Ora, as calumnias são condemnadas pelos preceitos divinos de Christo, e os do *Diario da Tarde* não deveriam empregal-as. E' verdade que se não calumniassem, faltava-lhes aquelle modo de vida. Não podem allegar outro motivo com verdade; mas que desgraçado é!...

E não obstante isso, como o phariseu que media a sua piedade pela do publicano, diz a tripode do *Diario da Tarde*:

« Andae jesuitas, caminhae homens do santo officio, pouco se nos dá e áquelles que não rolam a consciencia aos vossos pés, *como fazem os que insultam o Supremo Poder*, pouco se nos dá das vossas calumnias *(sic)*, cujos destroços serão o padrão da nossa victoria ».

Até aqui chega a sciencia da inquisição da Veneza jornalistica, e já não é pouco; mas não sobe a mais. Comprehendemos que não role aos pés do padre a consciencia de quem a não tem; como póde rolar o que não existe? Tambem comprehendemos que a vossa victoria tenha só destroços por padrões. Mostram a Italia, a França e a Hispanha, sem fallar de Portugal, que as vossas doutrinas, isto é as vossas blasphemias e calumnias, deixam estragos por padrão: annunciam-n'o as Sagradas Lettras, e attesta-o a historia... Só não intendemos quem é que, fóra de gremio liberal, *insulta o Supremo Poder*, nem que Supremo Poder seja esse do *Diario da Tarde*. Venha *Bruno* explical-o com os seus artigos na mão.

D. Affonso de Borbon.

Do nosso collega o «Commercio do Minho» extraimos o seguinte:

O excellente jornal de Paris «La Semaine illustrèe», em o seu n.º 47, de 6 de Abril, traz o rectracto do snr. D. Affonso de Bourbon. O redactor d'aquelle hebdomadario, M. Adrien de Riancey, escreve o seguinte artigosinho:

D. Affonso de Borbon, o prestante irmão de Carlos VII é o filho segundo de D. João de Borbon e de Bragança, e de D. Beatriz d'Este, archiduqueza d'Austria. Nasceu em Londres a 12 de Novembro de 1850. Pouco depois do seu nascimento a sua familia veio habitar com o duque de Modena, irmão de sua mãe.

Foi aqui que elle, bem como seu augusto irmão, Carlos VII, tiveram uma educação christã e elevada.

A revolução obrigou os principes a deixar Modena, e a domiciliarem-se em Praga, com o imperador d'Austria, seu thio.

D'alli partiu D. Affonso a offerecer a sua espada ao serviço do Santo Padre. O valor e o comportamento exemplar elevaram-no em breve a official dos zuavos pontificios; porém o joven principe recusou essa honra e preferiu servir como simples soldado.

Vendo isto, um carlista hispanhol, tenente dos zuavos deu a sua demissão e ficou simples soldado, para não estar acima do seu principe.

Em Roma D. Affonso dormia na guarita e vivia a vida do soldado.

Depois da occupação de Roma pelos italianos, D. Affonso voltou para a companhia de seu augusto irmão, em Vevey, na Suissa.

D. Affonso esposou, no anno passado, D. Maria das Neves, filha de D. Miguel de Portugal.

O principe é d'estatura elevada, bem apessoado e o seu rosto energico reflecte o varonil do soldado.

O terreno politico, em que a «Semaine Illustrèe», evita o aventurar-se, nos impede de dizer aqui tudo quanto pensamos de D. Affonso, que n'este momento combate pela salvação da sua patria.

Deus proteja a Hispanha!

A. de Riancey.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS

Pela fronteira, diz «La Tribuna» entraram para os carlistas seis canhões e 10:000 armas.

Os periodicos francezes publicam os seguintes despachos telegraphicos da fronteira, aonde se diz que falhou o plano de campanha do general Nouvillas porque Dorregaray está com os seus voluntarios nas Amezcuas e a columna Tejada que ia para Vera foi rechaçada pelo cura de Santa Cruz até Oyarzum.

Foi igualmente rechaçada pelos carlistas a guarnição de Irun.

Dizem tambem os despachos a que nos referimos que os soldados francezes presenciaram estas acções na fronteira e formavam o seu juizo a respeito do estado das tropas republicanas.

Accrescentam os telegrammas que as auctoridades de Guipuzcoa se declaravam a favor da Republica Federal e que em Biarritz se fizera com grande pompa o enterro do conde de Santa Coloma, Grande de Hispanha.

A Agencia Havas confirma estas mesmas noticias.

O governo republicano hispanhol tem de pagar no principio do mez que vem 90 mil contos em Londres.

¿Aonde hade ir buscal-os a republica?

O ex-ministro Figuerola, um dos que foram prezos no dia 23, devendo sua prisão a Rubau Donadeu, ainda não foi solto.

Duas cartas para a «Prensa» dão noticias bastante favoraveis aos carlistas; seus auctores mostram-se receiosos de que elles consigam alguma victoria sobre forças do governo, e dizem que se espera um combate.

A «Iberia» publica tambem uma carta da fronteira, onde se dão noticias e se fazem apreciações que suppõem bastante adiantamento da insurreição carlista.

Diz a «Discussion» que já percorre a provincia de Guadalajara uma partida carista, que cobrou uma contribuição, e é activamente perseguida.

O marquez de Sardoal teve de se valer no dia 23 da bandeira dos Estados-Unidos e já saiu em direcção ao estrangeiro.

Corre que se tracta de obrigar ao governo que proclame a republica federal antes das constituintes.

Topete, Serrano e outros teem sido procurados para serem prezôs.

Diz-se que se vão adoptar medidas rigorosas de repressão contra todos os jornaes que se manifestam contrarios ao poder revolucionario que hoje governa.

O snr. Liaño, pessoa muito conhecida em Madrid, e amigo do marquez de Sardoal, esteve a ponto de ser fuzilado. Chegaram a ajoelhal-o para isso, mas a final perdoaram-lhe, «porque, diz a *Republica Democratica*, tambem ha uma *piedade federal.*»

Todos os membros da commissão permanente, e todos os partidarios da convocação da Assembleia estão escondidos.

O governo parece que os quer haver á unha, porque ordenou aos chefes das estações do caminho de ferro que não deixassem sair viajante algum sem haver passaporte datado d'aquelle dia.

Teem sido revistadas por força armada as casas de muitos radicaes.

O alcaide monarchico Marina e o general Lateno foram presos.

O poder executivo proclamou aos soldados da guarnição de Madrid, cumulando-os de louvores.

Tambem communicou aos governadores das provincias o estado de Madrid e o desenlace da insurreição, dizendo-lhes que se instrue processo contra os conspiradores, e que elle governo será para com elles inexoravel.

Em Barcelona ha descontentamento contra Velarde.

—«Lê se no *Drapeau Français* as duas ordens do dia relativas á toma la de Ripoll e de Berga:

COMMANDO GERAL DA CATALUNHA

Ordem do dia de 24 de Março

Voluntarios.

Um dos dias mais gloriosos da minha vida, o maior talvez, foi o de hontem; glorioso para mim como principe e mais glorioso ainda como vosso general em chefe.

Sim, meus queridos voluntarios, eu conhecia o vosso heroismo, pois o vosso valor e a vossa coragem voam já de uma a outra extremidade do mundo; mas hontem por primeira vez vos batestes na minha presença e os louros que conquistastes na difficil tomada de Ripoll, depois na brilhante victoria que n'essa mesma tarde alcançastes nos campos de Campdebanol, arrojando-vos sobre o inimigo não consultando mais que a vossa intrepidez e sem hesitardes ante um inimigo tres vezes mais numeroso que vós, esses louros que então me fizestes colher é necessario que eu os colloque bem alto, para que todas as gerações saibam uma vez mais que um povo de gigantes que conta os actos de heroismo como feitos naturaes e quotidianos não póde jámais perecer.

Em nome de Sua Magestade El-Rei, meu augusto irmão, e em nome de toda a Hispanha Catholica e monarchica, agradeço-vos a vossa coragem e magnanimidade

Possa o meu reconhecimento, unido ás felicitações de todas as pessoas de bem, servir-vos de recompensa e de estimulo, que nunca esquecereis, para continuar a vossa obra gigantesca até o proximo dia em que com o auxilio da Divina Providencia, vós a terminareis.

A' vossa frente está o habil e valoroso general Saballs que pelos seus meritos militares e depois de vos ter tantas vezes conduzido ao combate e á victoria, acaba de receber do Rei a justa qualificação de heroe.

Eu, a um lado em vossa companhia, partilharei a vossa sorte assim como as tristes fadigas da guerra, até o dia em que possamos partilhar tambem da alegria de termos libertado a nossa patria oppressa, e que na agonia lança os olhos para os soldados da legitimidade como a unica taboa de salvação e o seu unico germen da vida.

Voluntarios! o sangue que derramaes tão generosamente nos campos de batalha não tem preço se não é pago pela gloria de ter servido Deus e vingado a honra nacional.

Voluntarios!
Viva a Religião!
Viva a Hispanha!
Viva Carlos VII!
Vivam os foros da Catalunha!
Viva a integridade nacional!
Abaixo a republica!

O Infante general em chefe

AFFONSO DE BOURBON E AUSTRIA

—*—

DEUS, PATRIA E REI

COMMANDO GERAL DA CATALUNHA

Ordem do dia 30 de Março

Voluntarios:

O Deus dos exercitos corôou os nossos esforços concedendo-nos um triunfo completo na empreza mais dificil d'esta campanha.

Não ha obstaculos que possam conter o vosso valor e o vosso arrojo. A vossa coragem conseguiu apoderar-se em algumas horas de uma praça importante, fortificada com solidas muralhas, e defendida por hispanhoes que são tão valentes como vós.

Porém vós provastes que não ha baluartes, nem muralhas que não caiam para vos dar passagem, nem inimigos por mais decididos que possam resistir ao vosso embate.

A tomada da cidade de Berga occupará uma pagina brilhante na nossa historia. Fostes terriveis no combate, porém o vosso comportamento para com os vencidos foi tal, que a mór parte d'elles juraram ser vossos irmãos d'armas, defendendo comvosco a religião, a patria e o rei, e foi o vosso nobre e generoso comportamento que produziu esse resultado.

Fazendo parte do vosso exercito, eu partilho a vossa gloria com os vossos perigos e soffrimentos. Por isso agradecendo-vos vivamente, faço-o em nome d'El-Rei, meu augusto irmão, reservando-me o dizer-vos unicamente que confiando na protecção da Virgem Immaculada, nossa padroeira, espero que este facto importante será seguido de victorias que serão o triunfo completo de nossas armas.

Voluntarios,
Viva a Religião!
Viva a Hispanha!
Viva Carlos VII!
Abaixo a Republica!

Quartel general de Pobla de Lillet,

O infante general em chefe.

AFFONSO DE BOURBON E AUSTRIA.

—«Fronteira dos Pyreneos, 16 de Abril. A *Gaceta* de Madrid continua a guardar o mais absoluto silencio sobre a guerra carlista das oito provincias do norte. Quem não lê-se outro jornal não saberia:

1.º Que Sua Alteza Real o infante D. Affonso sustenta firmemente a bandeira de Carlos VII, com Saballs, Tristany, Castells, os principes de Bourbon etc., á frente de 15:000 homens nas quatro provincias da Catalunha.

2.º Que os generaes Dorregaray, Lizarraga, Valdespina, Iturbide, commandam 12:000 carlistas nas provincias Vascas e Navarra.

3.º Que todos os voluntarios estão bem armados e uniformados, que a sua disciplina é perfeita e que manobram já como tropas veteranas.

4.º Que esses dois exercitos tem já uns 20 canhões, e uns 1:000 cavallos, que são commandados por antigos chefes carlistas e por officiaes do exercito regular.

Em troca, essa *Gaceta* que não tomou ainda o nome de *republicana*, provavelmente porque prevê que deverá breve tomar o de *communista*, consagra cada dia uma duzia de linhas a annunciar que *uma partida* carlista de 100, de 40 e até de 5 homens, se apresentou n'uma cidade de Castella, de Leon, das Asturias ou de Aragão, mas que perseguida immediatamente pela guarda civil cahiu com armas e bagagens em poder das tropas republicanas.

A *Gaceta* ainda se não dignou fallar da tomada de Ripoll, Berga, etc., pelo Infante Dom Affonso. Os jornaes de Barcelona gritaram chamando traidor a Morales commandante d'esta ultima cidade.

O rei liga tal preço á victoria de Berga, que quiz perpetual-a com uma medalha commemorativa que terá:

D'um lado o busto de Dom Carlos, com esta inscripção

Aos valentes de Berga!

e a data.

Do outro as armas do principado da Catalunha, com esta divisa

Deus, Patria e Rei

A fita será encarnada, uma das côres do laço hispanhol.

Mas se a *Gaceta* não falla dos carlistas do Norte e não publica os despachos officiaes dos generaes republicanos, o Rei recebe regularmente os dos seus generaes.

Felizmente podemos dar aos nossos leitores alguns extractos das cartas de Sua Alteza, o Infante Dom Affonso, para seu augusto irmão Dom Carlos.

23 de Março.

Meu querido irmão.

E' com alegria que te annuncio que esta manhã, ás 10 horas, nos apoderámos da cidade de Ripoll, depois de uma lucta de 20 horas. Fizemos 140 prisioneiros e tomamos 200 espingardas Remington e 12 caixas de munições.

Eu tinha sob as minhas ordens os voluntarios das provincias de Barcelona e Gerona, no total de 3000 homens.

28 de Março.

Hontem, ás 4 manhã, atacámos a cidade de Berga.

A lucta foi viva; os defensores exgotaram quasi todas as suas munições, porém o arrojo das minhas tropas foi tão irresistivel, que ás dez horas da noite, a guarnição foi obrigada a depôr as armas.

500 prisioneiros, 1:600 espingardas, 360 caixas de munições, granadas, etc., eis o resultado d'esta brilhante jornada.

Muitos chefes e officiaes tendo solicitado entrarem nas nossas fileiras foram incorporados immediatamente.

Puz em liberdade alguns prisioneiros e conservei outros para os trocar depois.

—Escrevem de Barcelona em 15 á *Prensa* que o capitão Quartel Mestre do regimento de Burgos e seus camaradas, sairam de Lerida passando-se para Tristany.

— Do «Ecco Popular»: O entendido e bravo general Nouvilas, de quem seja dito de passagem se conta que voltou a Pamplona *ficando-lhe á rectaguarda os carlistas.*

— Ao «Diario de Barcelona» escrevem d'Angles em 17: «Hontem ao cair da tarde, precedidos d'uma numerosa partida chegaram ao immediato povo de la Sellera, Saballs e Huguet com D. Affonso de Bourbon e sua esposa. Isto como é natural produziu aqui alarma, e se tomaram medidas. Hoje ás 11 horas da manhã sairam na direcção de S. Hilario. Hoje segundo se affirma principia o sitio de Amer, de que aqui nos resentiremos desgraçadamente.

—Escrevem de S. Jean de Luz em 20 á «Prensa»: «Os carlistas tornam a abrigar o proposito de se apoderarem da cidadella de Pamplona, e dizem que mui breve haverá um grande acontecimento na Catalunha, que lhes proporcionará um emprestimo de 200 milhões.

—Escrevem de Hendaya em 22: «Segundo noticias d'Hispanha o general Nouvilas foi outra vez enganado pelos carlistas commandados por Dorregaray, pois emquanto as tropas tentavam encerrar os carlistas em Vera, estes fizeram uma contra-marcha para Pamplona, deixando as columnas á rectaguarda. Aqui produziu grande effeito tão habil como atrevido movimento dos facciosos, e admiram que Dorregaray podesse leval-o a effeito.

Os cabecillas Elio, Perula, Lizarraga e Valdespina tambem se acham junto de Pamplona, segundo as ultimas noticias.

—Escrevem da fronteira á «Iberia»: «Diz-se que as facções das provincias do Norte obedecem em seus movimentos e operações actuaes a um plano estrategico, dirigido a envolver em um momento dado as forças de Nouvilas. Não estranharei, dados os elementos de que hoje dispõem os carlistas, que as disposições do general em chefe do exercito do Norte sejam uma arma terrivel contra as mesmas columnas.

Madrid 22 d'Abril — Segundo a *Provincia*, de Gerona, no dia 18 encontrava-se Saballs com 1:000 homens, e acompanhado

de D. Affonso, e sua Senhora, em Selera, povo d'aquella provincia.

— Do *Tiempo*: «O general Velarde percorre a alta montanha da Catalunha sem poder encontrar os carlistas, que fogem da sua vista.

— Da *Correspondencia*: «Em Vera haviam-se reunido as facções de Dorregaray, Ollo, Iday, Iturbe, e Santa Cruz. Assegura-se que estas facções passavam de 4:000 homens.

— « As columnas Morales e Tejada sairam ao amanhecer de 20 de Irurzum para Oyarzum, dirigindo-se pelo monte sobre os carlistas. Pela tarde, diz o governador de S. Sebastião, ouvia-se fogo de fuzilaria e canhão, deduzindo a citada auctoridade que as columnas se batiam com os facciosos.

— Do *Gobierno*: « Não se tem noticia da partida carlista levantada no Escorial debaixo.

— Do *Imparcial*: « A expedição do trem mysto saido de Burgos teve que regressar desde Quintanapalla por estar interceptada a linha por uma partida de 300 carlistas, que incendiou tambem a estação de Monasterio.

— « Estam interrompidas as linhas ferreas de Barcelona a Gerona, a Tarragona e Zaragoza.

— *Correio d' hoje.* — Da *Esperanza*: « Nem hontem nem hoje, havemos recebido correio do Norte. Os periodicos catalães que recebemos são muito atrazados, e das outras provincias nada interessam. O interesse está hoje concentrado na questão de ordem publica em Madrid.

— Da *Nação* que recebemos pelo correio d'hoje transcrevemos o seguinte: «... Entrou no nosso escriptorio um amigo, dizendo-nos que por cartas de Madrid sabia que a partida alli formada contava já de 300 a 400 homens, quasi na totalidade militares.

Ha dias nos dizia um jornal de Madrid que alguns agentes de Cabrera faziam grandes trabalhos para levar a tropa a proclamar Carlos VII. Mas de todas as noticias, que nos traz o correio d'hoje, a melhor é a do completo restabelecimento de Sua Santidade.

Lisboa 24 d'Abril — Roma 21. — Sairam hontem a receber o principe Alfredo d'Inglaterra muitos cardeaes.

Os jornaes dam por differida a viagem do rei Victor a Vienna.

A agitação em Madrid segue intenções attribuidas á commissão permanente da assembleia.

Espera-se que se restabeleça accordo entre o governo e a commissão para evitar conflicto.

São 5 horas e a commissão permanente está reunida. Os ministros assistem. Ha esperanças d'accordo.

Pavia, capitão general de Madrid, deu a sua demissão.

Soldados sem armas passeiam pela cidade. As lojas estão abertas.

Estacionam muitos curiosos em derredor do edificio da assembleia.

A guarda nacional occupa os pontos estrategicos.

A ordem não tem sido perturbada.

SECÇÃO NOTICIOSA

Propaganda de sentimentos religiosos. — A Commissão 1.ª de Dezembro, em Lisboa, nomeou duas commissões para espalhar por toda a parte e por todos os meios as ideias de patriotismo nacional. A primeira tem a seu cargo convidar o clero, especialmente os parochos a que propaguem pelo povo o amor á nossa independencia. A segunda encarregou-se de fazer esta propaganda por meio da imprensa.

Até que finalmente confessam a necessidade do elemento religioso para se conservar o elemento social!

¿E os padres? ah! esses na boca do «Diario da Tarde», «Jornal do Commercio», «Jornal da Noite», e outros quejandos, não servem de nada; e, sem que sejam exterminados, não veremos segura a nossa independencia.

O que quer o «Diario da Tarde» e seus sequazes sabemos nós; não é a independencia da Patria, não, é a independencia pessoal, é o patriotismo da barriga, é o amor ao estomago.

Sentiremos muito se o «Diario da Tarde» não fôr commettido d'uma apoplexia, quando baqueia a nossa independencia nacional *na mão dos padres!*

Quem vos não conhecer que vos compre.

Viagem pela Europa. — Os jornaes da capital fallam muito na viagem da S. D. Maria Pia pela Europa, com o fim de visitar a Exposição de Vienna d'Austria.

Que differença não fazem dos tempos em que Portugal era feliz os nossos em que tudo geme debaixo do pezo do cilindro revolucionario!

Outr'ora bastava a mais pequena inquietação nacional para se tomarem todas as medidas e as pessoas investidas da realeza vigiarem e redobrarem de cuidados e receios; hoje tudo se esquece, não só mente o amor e felicidade dos povos, mas até os proprios interesses da soberania.

Certamente que a S. D. Maria Pia, chegando a Vienna dará mais um passo adiante para vêr a bella patria que fôra seu berço e ahi admirará a *grande* obra da *Unidade Italiana.*

Talvez queira beijar a mão do Pae e a mão do Padrinho, que é o Nosso SS. Padre Pio IX, para conciliar Deus e Satanaz!...

¿Sair-lhe-ha ao encontro, para não mais voltar, seu augusto esposo?!

E' reflexão suggerida pelos acontecimentos actuaes; e não falta quem diga que os tempos são mal azados para os soberanos passearem!...,

Numeros mysteriosos de Pio IX. Pio IX nasceu em 1792; ordenou-se em 1819; e foi eleito Papa em 1846: ora estas milesimas principaes da sua vida dam pela addição das cifras o n.º 19. Ha egualmente 19 lettras não só no seu nome de familia *Giovanni-Maria-Mastai,* mas tambem no seu nome de Papa *Pio Nono Pontifice.*

O Concilio do Vaticano é o 19 concilio geral.

Liberdade de funil. — Transcrevemos a seguinte circular que, segundo se diz, foi remettida, com o caracter de reservada, aos governadores das provincias, pelo ministerio do reino hespanhol.

Custa-nos a dar credito ao dito documento, assim como á origem que se lhe suppõe, porém emquanto a imprensa ministerial não encarecer a verdade ou a inexactidão que possa haver sobre o assumpto, bom será que os nossos leitores conheçam a parte dispositiva da circular em questão, para que saibam o que lhes importa.

Eis o documento:

1.º Os governadores prenderão a todos os que imaginarem cumplices ou protectores da rebellião carlista, pondo-os á disposição dos juizes de 1.ª instancia dentro das vinte e quatro horas.

2.º Se julgarem necessario pedirão aos juizes ordem para alagar qualquer propriedade.

3.º Como para dictar autos de prisão basta qualquer indicio, os juizes dictarão auto de prisão contra os que estiverem detidos.

Em conformidade com a circular do ministerio da justiça, os juizes entregarão os prezos á jurisdição militar.

5.º Esta consideral-o-ha como prisioneiros de guerra e transportal-os-ha para as Canarias ou Cuba.

D'este modo, sem sair da legalidade nem da constituição, sem appellar para a suspensão de garantias, provê-se na necessidade urgente de repressão, e se algum funccionario não cumprisse rigorosamente estas ordens, dará V. parte para que se faça o que convier.

Os catholicos armenianos perseguidos na Turquia. — Os turcos embirram com tudo que vem do Vaticano. Queriam que tudo se arranjasse de maneira que os scismaticos nada soffressem.

Proclamou-se em Adana uma lei que diz assim: *os armenios catholicos não tem existencia civil nem em Constantinopla nem em todo o imperio ottomano e isto porque estão em communhão com a Egreja romana.*

Os armenios catholicos protestaram; mas o scisma trabalha por, de cada vez mais, rasgar o seio da Egreja Catholica.

A visita da imperatriz da Russia a Roma.—São grandes os preparativos que se estão fazendo no palacio da legação russa para receber a imperatriz da Russia que, diz-se, chega a Roma no dia 23 d'Abril.

O principal fim da sua viagem é fazer uma visita ao Santo Padre a quem tem a maior veneração e respeito.

Tambem se espera em Roma a rainha Izabel de Hispanha, que actualmente reside em Florença.

Resposta a F.—*[A pedido].* Realisado o serviço, satisfaz-se a proposta.—Póde escrever para a minha residencia habitual—A.—

* * *

Descripção de vestuarios e chapéos de primavera.—Lêm-se no «Diario de Noticias» as seguintes modas:

1.º vestido de alpaca preta, ornado de folhos da mesma alpaca, e laços de fita azul, da seguinte fórma: o panno da frente tem um largo folho ás pregas, e os pannos de traz são ornados desde a borda inferior até á cinta de pequenos folhos franzidos que prendem no panno da frente com os laços; todos os folhos são pregados com um estreito viez de faye azul; pequena casaca da mesma alpaca, recortada em todos os seus contornos, os recortes guarnecidos de um viez de faye azul e assentes sobre uma tira ás pregas da mesma alpaca;

2.º vestido de faye cinzenta, guarnecido na saia de um largo folho franzido, tendo no remate do folho uma ruche ás pregas; polonesa de «couevas guipure», da côr do vestido, e ornada de duas tiras de faye: mangas largas ornadas de dois folhos franzidos, manguinhas brancas de cambraia ás pregas;

3.º saia de faye preta, guarnecida de um folho franzido, e com o panno da frente formando avental, todo ás pregas prependiculares; poloneza toda inteira guarnecida de tiras e guipure preta.

Chapéos: 1.º chapéo bergéro, de palha amarella com palla baxa, e guarnecido de uma silva de pêque rettes, e de um grande laço de fita preta: fitas eguaes atando sob a cuia;

2.º chapéo de palha branca com a borda debruada de faye côr de rosa, e rodeado de veludo preto, plumas côr de rosa e outra preta dando nó sob a barba;

3.º chapéo de palha amarella com diadema muito elevado: o intervallo que vae do diadema á copa é ornado de uma pluma branca; no lado do chapéo uma pluma preta e um ramo de rosas, laços de fita preta caindo atraz;

4.º chapéo de palha crua debruado de faye côr de castanha; em volta da copa do chapéo um enlaçado de fita côr de castanha, atraz grande laço da mesma fita e ramos de rosas chá; atraz fitas de côr de castanha;

5.º chapéo de palha branca debruado de faye azul e ornado de tufos de flôres azues e de um roza: atraz fitas azues.—*Etelvina de Alencastre.*

EXPEDIENTE

Estão authorisados para receber o importe das assignaturas os seguintes correspondentes:

Em Lisboa, o exm.º snr. J. A. no escriptorio do jornal a *Nação*, na rua do Bem Formoso.

Em Coimbra, o exm.º snr. Anselmo Maria Urbano de Sampaio, rua dos Militares.

No Porto, o ill.mo sr. José Carlos das Neves, rua das Flores.

Em Vianna, Francisco José d'Araujo Junior, rua de D. Luiz.

Em Mondim de Basto o ill.mo snr. João Baptista da Silva Ramos.

Na Covilhã, o illm.º snr. Luiz Antonio de Carvalho.

Em Lamego, o illm. snr. José Cardoso, com loja de livros na rua de S. Francisco.

Aos snrs. assignantes d'outras terras onde não temos correspondentes, pedimos o favor de nos remetterem o importe de suas assignaturas em sellos de 25 reis, ou em valles do correio Travessa de S. João n.º 10.

AGRADECIMENTOS

D. Maria Pulcheria da Costa Rebello, D. Maria Julia da Costa Rebello, D. Maria das Dôres Rebello da Silva, D. Maria Julia Alves Passos, D. Anna Maria da Conceição Rebello da Silva, José Maria Rebello da Silva, Joaquim Maria da Costa Rebello, José Antonio Rebello da Silva, João Pereira de Castro, Apparicio Castiço e Manoel Teixeira de Souza Lage não lhes sendo possivel agradecer pessoalmente a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os e assistir aos officios funebres que iveram logar na Real Capella de Santa Cruz por alma de sua prezada irmã e Tia D. Clavianna Claudina Rebello da Silva Lima o fazem por este meio protestando a todos o seu profundo reconhecimento.

(103)

ANNUNCIOS

N. B.—A datar de hoje bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, *já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalá-la, o que lhe dá uma côr escura, e um gosto muito melhorado.*

Ha a assignalar a grande descoberta da **Revalescière chocolatada** DU BARRY de Londres, que presta tão eminentes serviços á humanidade. Mais agradavel ao paladar que o mais fino chocolate, mais nutritivo e assimilhante que a carne digere-se com a maior facilidade, sem irritar.

Renovando e purificando o sangue, fortifica o estomago, os nervos, o cerebro, e, em vez de fatigar, melhora a digestão, consolida as carnes e augmenta a energia. Absorve e elimina tudo o que houver de irritante no estomago, nervos e cerebro, e tranquillisa as pessoas as mais agitadas, proporcionando-lhes um somno pacifico e reparador. As pessoas adultas e as creanças delicadas ou fracas folgam com os seus bons effeitos. Preferivel a todos os respeitos ao café, ao chá e ao chocolate puro, convem perfeitamente ás pessoas que não ousam comer os chocolates ordinarios que produzem dôres de cabeça, irritações, constipações, etc. Estes defeitos dos chocolates ordinarios teem obrigado muitas pessoas a quem lhe agrada o gosto, de se privarem d'elles, e a prova d'estes vicios foi confirmada pelo grande explorador das regiões arcticas, o snr. John Franklin, que, com vinte e oito dos seus companheiros, morreu de fome ao lado de saccos cheios de chocolate puro e de cacáu! Prova terrivel que os principios nutritivos contidos no cacáu e no chocolate ordinario não são de natureza a assimilhar-se nutrir.

E' pois, para obviar a estes graves inconvenientes e para assegurar a todo o mundo a vantagem do chocolate sob uma fórma sã e benefica, que a **Revalescière chocolatada** DU BARRY DE LONDRES, delicioso producto, foi apresentado ao publico. A **Revalescière** é dez vezes mais nutritivo do que o chocolate puro, e por isso seis vezes mais barato.

Preço: em pó para fazer 12 chavenas 500 réis; para 24, 800 réis; para 48, 1$400 rs; para 120, 3$200 réis; ou 25 réis por cada chavena.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm., V. Botelho de Vasconcellos.—Figueira, Vieira.—Guimarães, Pereira Martins, pharm.—Lamego, Barros, pharm.—Lisboa, Barral Irmão, rua Aurea 128, pharm., Carlos Barreto, pharm., rua do Loreto, 28.—Porto, deposito central para fornecimento dos depositarios, casa de Ferreira & Irmão, pharm., 77 rua da Banharia, Viuva Desire Rahir, rua de Cedofeita 92, J. R. de Sequeira, rua da Banharia 65 (casa Vermelha), Henrique José Pinto, largo dos Loyos 36.—Vianna do Castello, Affonso, droguista.—Villa Real Julio da Silva, droguista.—Vizeu, Santos Paes, pharm.—Villa do Conde, A. L. Maia Torres.—Povoa do Varzim, P. Machado d'Oliveira.

«Os boticarios, droguistas, merceeiros etc. das provincias devem dirigir os seu, pedidos ao Deposito Central: Snrs. **Serzedello & C.ª** Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.» Deposito em *Pernambuco:* Ferreira, Maia & C.ª, rua Duque de Caxias.

(J)

Arrematação de foros.

Por deliberação do respectivo concelho de familia, no inventario a que se está procedendo pelo cartorio do escrivão Antonio Carlos d'Araujo Motta, por fallecimento de D. Maria dos Desamparados Ferreira e Almeida, se tem de arrematar no dia 18 do proximo mez de Maio, á porta do tribunal judiciario no largo do Paço Archiepiscopal, pelas 9 horas da manhã, todos os foros, com seu dominio directo e laudemio da quarentena parte, que ao dito cazal inventariado pagam diversos foreiros nas freguezias de S. Salvador do Souto e de S. Matheus da Ribeira, do concelho de Terras de Bouro. (104)

PORTUGAL

NA SUA DECADENCIA

OBSERVAÇÕES POR

Um Amigo da Patria

E DADO A LUZ POR

L. F. de Castro Soromenho.

Vende-se por 120 em Lisboa na rua da Condessa n.º 58, 1.º andar.

CONFEITARIA

Mudou-se a antiga confeitaria dos Granginhos para os **baixos do Hotel Real, Rua de S. João n.º 12.**

(102)

LIVRARIA

DE

EUGENIO CHARDRON

Chateaubriand - Os Martyres, 2. vol. 1$400

— - Genio do Christianismo, 2 vol. . . . . 1$500

Cardeal Wissemann - Fabiola ou a Egreja das Catacumbas, romance religioso, 2 vol. . . . . 1$500

Roquette - Sermões em honra de N. Senhora, 1 vol. . . . . 1$200

Roquette - Homelias e Sermões . . . 1$800

Guillois - Explicação litteral e moral das Epistolas e evangelhos, 2 vol. 1$500

Veuillot - Vida de Jesus Christo 1. vol. 400

Padre Marchal - A mulher como deveria sel-o, 1 vol. 400

Padre Gaume - Onde estamos? 1 vol. 500

Vozes propheticas, ou Apparições e predicções etc., tracção do Rvd.º P.e Marnoco, 1. vol. 250

Todos estes livros são remettidos francos pelo correio.

OS DIFFAMADORES DO CLERO CATHOLICO

PELO

Abbade Tounissoux

Traduzido por A. M.

Preço 200 rs.

A' venda na Livraria Internacional de Eugenio Chardron, Largo de S. Francisco n.º 4, Braga.

HYMNO DO DRAMA HISTORICO

1640

OU

DEUS, PATRIA E LIBERDADE

POR

Antonio José de Carvalho

Maestro do Theatro Principe Real

PARA CANTO E PIANO

ORNADO COM O RETRATO DE D. JOÃO IV.

Vende no Hotel Trasmontano, Carlos Coutinho, preço 240 rs.

(101)

A EGREJA CATHOLICA ROMANA

E

OS SEUS PERSEGUIDORES

Crises principaes por que ha passado a Egreja — seus triumphos — castigos dos seus inimigos,

POR

D. MIGUEL SOTTO-MAYOR

(Portæ inferi non prævalebunt adversus eam.

MATH. XVI, 18.)

Sob este titulo vae brevemente sahir á luz um livro, no qual se historiam as crises mais perigosas, por que tem passado a Egreja de Jesus Christo, e se demonstra como, no decurso de 19 seculos, não tem deixado de patentear-se a divina protecção promettida á mesma Egreja pelo seu Fundador: — *E as portas do inferno não prevalecerão contra ella.*

Mostra-se mais, á luz da historia, que se os inimigos perseguidores da Egreja jámais têem ficado impunes, especialmente aquelles, que teem exercido as suas violencias na pessoa dos successores de S. Pedro, os Pontifices Romanos.

Nos tempos perigosos e difficeis, que vamos atravessando, a leitura d'esta obra será de algum proveito, para fortificar os tibios, alentar os fortes, e lembrar aos que abuzam do seu poder e auctoridade em detrimento dos direitos da Egreja, que algum dia soará para elles a hora da divina justiça, como tem soado sempre para os perseguidores contumazes da Espoza do Cordeiro.

Esperamos pois que o publico protegerá uma publicação, cujo é prestar um serviço á causa da Religião que é tambem (e agora mais do que nunca) a causa da sociedade.

As pessoas que desejarem obter este excellente livro, que será impresso em bom typo e optimo papel pela diminuta **quantia de 400 reis** queiram assignar no presente prospecto e devolvel-o depois á livraria do editor Jacintho A. Pinto da Silva, rua do Almada n 134 a 136, no Porto, onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.

Tambem se recebem assignaturas nas seguintes localidades:

Em Lisboa, na Livraria Catholica, José A. Rodrigues, Martins Lavado, Zeferino, Campos Junior, Antonio Maria Pereira e outros.—Em Coimbra, na de José Mesquita, Manoel Cabral, e ouiros.—Em Braga, Livraria Catholica. — Villa Real, Antonio Custodio da Silva.—Guimarães, J. A. Freitas Guimarães.—Lamego, F. Marques da Rocha—Vizeu, F. Ferreira dos Santos, e José Maria d'Almeida.—Ilha de S. Miguel, Marianno Machado,

BRAGA: TYPOGRAPHIA LUSITANA — 1872